

Ecoss da Franqueira

Visado
pela Comissão
de Censura

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GAMENTO ADIANTADO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Os "Ecoss da Franqueira,"
desejam a todos os seus lei-
tores muito **BOAS-FESTAS**
de Páscoa

Barcelos Antigo

Extracto do «Portugal antigo e Moderno» de
Pinho Leal

(Continuação do n.º 32)

Tem estação telegráfica municipal, por decreto de 7 de Abril de 1869.

Aqui nasceu pelo meado do século XVI, o doutor Pedro Esteves Marques, ouvidor da Casa de Bragança, filho bastardo de um padre chamado *Mestre João* e de uma moura.

Este Pedro Esteves Marques, teve de uma judia conversa, chamada Maria Pinheiro, uma filha por nome Catarina Pinheiro, que casou com Pedro de Souza Seabra, e a estes dois procedem os condes da Castanheira, Monsanto e Vidigueira e outras casas nobres e titulares do reino.

* * *

Já disse que foi 1.º duque de Barcelos D. João primogénito de D. Teodósio I, feito por D. Sebastião em 5 de Agosto de 1572, e como este título ficou sendo privativo dos primogénitos da Casa de Bragança, foi 2.º duque de Barcelos D. Teodósio II de Bragança; 3.º, seu filho D. João II (depois D. João IV, rei); 4.º D. Teodósio, seu filho, depois príncipe real, que morreu de 19 anos, solteiro e sem descendência.

Conserva-se este título na casa real.

* * *

O Concelho de Barcelos é formado pelas 95 freguesias seguintes:

Abade do Neiva, Aborim, Adães, Aguiar, Airó, Aldreu, Alheira, Alvelos, Alvito (S. Martinho), Alvito (S. Pedro), Ginzo, Arcozelo, Areias de Vilar (S. Martinho), Areias de Vilar (S. Vicente), Balugães, Vila Cova, Banho, Barcelinhos, Barcelos, Barqueiros, Bastunço (S. João), Bastunço (S. Estevão), Cambezes, Campo, Carapeços, Tamel, Carreira, Carvalhal, Carvalhas, Chavão, Chorento, Cristelo, Cossourado, Courel, Couto, Creixomil, Varzea, Crujães, Durrães, Encourados, Faria, Palme, Feitos, Fonte Coberta, Fornélos, Fragozo, Galegos, Gamil, Gilmonde, Goios, Gandifelos, Grancelos, Gual, Igreja Nova, Lama, Lijó, Macieira, Manhente, Mariz, Martim, Midões, Milhazes, Minhotães, Panque, Mondim, Monte, Moure, Negreiros, Oliveiro, Paradela, Pedra Furada, Pereira, Perelhal, Pouza, Quintiães, Roriz, Quiraz, Remelhe, Santa Eugénia do Rio Covo, Santa Eulália de Rio Covo, Sequiade, Silveiros, Santa Leocádia do Tamel, S. Veríssimo do Tamel, Tegosa, Ucha, Viatodos, Vila Ba, S. Martinho de Vila Frescaíña, Vila Sêca, Vilar de Figos e Vilar do Monte.

Tódas no Arcebispado de Braga.

(Vide «Portugal Antigo e Moderno» — Volume I — de Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal — [pág. 327 a 333].)

F I M

Fra Castil



Nossa Senhora da Franqueira

A Franqueira

Principia a falar-se, n'esta cidade, em alguns festejos a fazer no Monte da Franqueira.

Dizem-nos que os «Empregados no Comércio» projectam, a exemplo do que fizeram o ano passado, promover um passeio ao alto do Monte, onde passarão um dia cheio de divertimentos, com musica etc...

Os «Bombsiros Voluntários», dizem-nos, que no dia do 50.º aniversário da sua fundação, no proximo mez d'Agosto, depois de certas cerimónias na sua séde, irão ter um jantar de confraternização na franqueira, em cujo banquete *abancarão* todos os representantes das associações congéneres do Paiz, para o que já se encontram convidados.

Os «Chaufeuers da nossa praça também tencionam no próximo mez de Julho promover uma festa ao seu patrono—S. Cristovão, —cuja imagem se venera na ermida de N.ª S.ª da Franqueira, da cujo programa fará parte uma grandiosa procissão, que sahirá de igreja de Santo Antonio da Cidade e tomarão n'ela parte todos os carros—automoveis do concelho.

Como se vê, Barcelos quer começar a fazer convergir para a Franqueira todos os seus divertimentos, provando assim o quanto é agradável aquele lindo local, ao qual devemos dar a preferéncia ao qual devemos dar a preferéncia a qualquer outro, muito principalmente aos de fóra da terra, quando é certo que possuímos por cá coisa sem equal.

Considerações oportunas

A lição da Semana Santa

Um dos fins da Santa Igreja, ao comemorar a sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, é sem dúvida o nosso aproveitamento espiritual, pela lições que a tragédia do Golgota a todos nós proporciona. Em toda essa tragédia, há quatro figuras que são um símbolo para muitos dos homens de todos os tempos. São elles — Judas, Caifás, Herodes e Pilatos.

Judas era um dos apóstolos, chamado pelo próprio Jesus Cristo, seu companheiro, testemunha da sua pregação e milagres, durante três anos, e a quem Jesus Cristo tinha distinguido, escolhendo-o para ecónomo, ou tesoureiro. Em breve deixou se dominar pela avareza: «*Não lhe pertencia o cuidado dos pobres, mas porque era ladrão, e tendo a bolsa, trazia o que nela se deitou*» (Jo., XII, 6). Os inimigos de Jesus, conhecendo esta sua tendência, dêle se serviram, para que lhes entregasse Jesus, vendendo-o por trinta dinheiros.

Por amor ao dinheiro, quantos cristãos contam traições sem número contra o seu Deus!

Quantos, em vez de «*prepararem primeiro que tudo o reino de Deus e a sua justiça*» (Luc., XII, 31) procuram sempre o dinheiro, e todo o tempo lhes parece pouco para o Senhor, para amontoar, para fazer fortuna! Por amor ao dinheiro, abandona-se o cumprimento dos deveres religiosos — a oração quotidiana, a missa do domingo, a frequência dos sacramentos, o repouso dominical. Por amor ao dinheiro, profana-se a santidade do matrimónio por uma limitação culpável da sua fecundidade. Por amor ao dinheiro, os pais não tratam de estudar a vocação dos seus filhos, mas apenas se preocupam em lhes proporcionar um modo de vida que dê dinheiro... Por amor ao dinheiro, quantas traficâncias, quantas injustiças, que misérias sem conta!...

Caifás era o tipo de orgulho e da ambição. Exercia o pontificado judaico. Via em Jesus um perigo para a sua situação; via nêle um rival.

A ambição é uma das chagas da sociedade de todos os tempos. A ambição domina o homem que aspira a uma situação elevada, às honras, a impôr-se aos outros homens. A ambição domina a mulher, que quer ser adúltera, admirada e a atrair a atenção e louvores dos homens. Para alimentar esta ambição, quantos meios, uns injustos e tantos bem ridículos!

Herodes era um voluptuoso; vivia publicamente em adultério com a mulher de seu irmão Filipe. Não pensava em nada a sério, pensava apenas em alimentar a sua paixão sensual. Herodes cego pela sua paixão carnal, julga a Jesus como um louco, e por isso o manda vestido de branco para Pilatos. Assim acontece aos homens que vivem neste mundo para os prazeres carnaes; não querem ouvir os bons conselhos, fecham os olhos à verdade, consideram como loucos todos quantos não vivem de prazeres e para os prazeres da carne. Fogem das boas companhias, não querem ouvir os bons conselheiros; sujeitam as suas doutrinas, e só buscam ler os livros que possam alimentar-lhes o prazer, as paixões. Seus companheiros são apenas os que pensam e vivem como elles.

Pilatos é o tipo do medroso, do timoroso, do poltrão, do fraco, do covarde.

Chegou a confessar a inocência de Jesus; estava persuadido que era por ódio que os judeus condenavam Jesus à morte. Tinha em suas mãos o poder; bem o podia livrar, anulando a sentença do sinédrio. Mas o medo à população, à vingança dos judeus; o medo que o acusassem a César, e viesse a perder o seu lugar... esse medo o compromete, o obriga a cometer ou consentir, os insultos, os açou-

tes, as crueldades para com a Vítima inocente, e enfim a cometer a suprema iniquidade — a condenação de Jesus à morte de Cruz!

Quantos homens por aí não há, vítimas do respeito humano, que se envergonham do cumprimento dos seus deveres religiosos, que fazem côro com os inimigos da Igreja e de Deus, que vão de capitulação em capitulação até cometer as maiores baixezas e injustiças, só com o meio aos outros, com o receio de perder o seu lugar na sociedade!...

Se a consciência nos acusa de sermos vítimas de alguns desses erros ou crimes, procuremos o quanto antes a nossa reconciliação com Deus e estudemos esses outros modelos que vemos no Calvário, que são para nós também uma lição, um exemplo — Maria San-

tíssima e João, o discípulo amado — modelos de desapêgo do tudo, modelos de humildade, de pureza, de coragem heróica.

Que estas lições da Semana Santa a todos aproveitem.

A felicidade nunca é, para a mulher, uma ideia abstracta: ela se lhe apresenta sempre sob os traços de uma imagem querida.

M.^{me} Guizet.

A unica precaução eficaz contra um flagelo é não ter medo.

Lesseps.

Crónica da Semana

Semana Santa. — As cerimónias desta semana, de uma tristeza pungente, enternecem a alma e fazem lembrar os martírios do Senhor. Desde domingo de Ramos a Sexta Feira santa passam sob o nosso olhar os passos dolorosos da maior tragédia que ensangüentou a humanidade; e a meditação desse sangue derramado, dessas dôres lancinantes, dessa morte cruciante de Jesus, é para nós a lição mais profunda e eloquente, o elucidário mais seguro onde devemos ir buscar o conhecimento do que somos e do caminho que devemos trilhar no mundo.

Todos nós carecemos de um itinerário certo que sirva de guia para os nossos passos; todos nós temos necessidade de uma norma de vida que seja o nosso programa de todos os dias. Os passos do Calvário, o sofrimento da Cruz, eis o livro aberto para os ensinamentos de que carece a nossa pobre existência terrena.

Jesus morreu por nós, dando a vida pela nossa felicidade, vivamos nós, dando a vida ao seu amor!

Esta a grande lição da Semana Santa.

Ressurreição. — Após as trevas veio a luz. O Salvador, como havia prometido resargiu ao terceiro dia. Se a sua morte foi a treva que desceu sobre o mundo, a sua ressurreição foi a alegria que inundou a humanidade.

Debalde os judeus guardaram o túmulo com os soldados romanos. A força dos homens teve a prova completa da sua inferioridade infinita ante o poder de Deus. A pedra tumular foi quebrada e Jesus ressuscitou!

O Domingo de Páscoa, comemorando a ressurreição de Jesus Cristo é um dia de completa felicidade.

A ressurreição do Salvador corresponde a outorgação do direito de todos os homens poderem entrar no Céu e gosarem a bem-aventurança eterna. O que isto significa é o maior dos bens!

Ressoem, portanto, por toda a parte as aleluias! Deus abriu-nos as portas da sua morada celestial! Bendito seja!

Sob o influxo da ressurreição de Jesus Cristo que a alegria invade todas as habitações, todas as almas, todos os horisontes da vida. Por ela venceu Jesus a morte, por ela vencemos nós o pecado; por ela tornou nos Deus dignos da participação da felicidade eterna, por ela conquistamos nós a posse dessa felicidade.

Ressurrexi! Aleluia!

9 de Abril. — Passou esta data, que foi mais uma vez entusiasticamente festejada. Simboliza ella o heroísmo da raça portuguesa nas lutas da grande guerra e, em especial na batalha de La Liz. Não foi uma vitória material, em que o inimigo fosse repellido e destruído; foi a vitória moral de um punhado

de heróis que opôz uma resistência extraordinária ao assalto de um exército muitas vezes superior em número. Antè essa superioridade os portugueses não recuaram, sofreram o embate da avalanche inimiga e fizeram-lhe sentir o valor da raça lusa.

Ora, é para comemorar a afirmação desse valor que o 9 de Abril é entusiasticamente celebrado.

De facto são os grandes acontecimentos que mostram o quilate do valor moral que os motivaram. A história está cheia de provas esplendentes do heroísmo português.

Mas, nos últimos tempos, parece que os sucedâneos da *bravura dos nossos costumes* haviam aguçado o sangue herdado.

Vieram, porém, as lutas de Flandres, e a bravura portuguesa remoçou, afirmou-se chegou a causar admiração e respeito nas maiores nações. Ora, é necessário que este vigor da raça se cultive e robusteça, dando ao mundo a prova de que o sangue portuguez de hoje é o mesmo que formou a nação gloriosa de outras eras, e que continuará a mesma tradição nas glórias da nação de amanhã.

Paz. — O problema do desarmamento e da estabilidade da paz na Europa, continua a preocupar seriamente as nações. Em Genebra estão reunidos delegados que ellas para lá enviaram, como centro internacional, onde o magno assunto seria estudado e resolvido. Mas a solução está longe ainda de ser encontrada. Os multiplos interesses, as rivalidades, os receios de uma quebra de compromissos, mil coisas pequeninas obstam à conclusão dessa grande obra. Em vista do maremagem das dificuldades, um deputado inglês chegou a fazer a proposta em pleno parlamento, dizem os jornais, de se recorrer ao Papa, como árbitro desta formidável questão.

Realmente, o recurso ao Sumo Pontífice, que não tem exércitos, que não dispõe de esquadras, que não possui aviões de combate, seria o mais acertado, porque a decisão do Chefe da Igreja não se basearia no poder das armas mas na força das necessidades da humanidade. Seria o Pai comum a estabelecer a paz na sua família e a garantir o trabalho, a ordem e a felicidade entre os seus filhos.

Tivessem as nações esse bom senso do recurso do Papa! Infelizmente ellas não querem que Deus presida aos seus destinos!

Continuemos a orar por esta intenção. Muitos milhares de comunhões se tem feito já, e esta obra meritória há-de continuar. Não são apenas as armas terrenas que tem força. A suprema força está em Deus, e as armas espirituais são o meio único de chegar até lá.

Roguemos ao Senhor de tôias as nações que mova os povos a fixarem em bases sólidas a desejada paz. E que venha breve esse ditoso dia!

VARIEDADES

Agonia de Jesus

O grande Mártir, orfão de carinhos
Levanta ao céu, num triste olhar profundo,
A santa fronte onde os cruéis espinhos
Rasgaram chagas, e se enterram fundo.

Levanta a fronte que lhe pende ao lado;
Escorre sangue pelo seu cabelo...
Levanta a fronte, e o seu olhar miguado
Ergue-se ao céu, num derradeiro apêlo:

«Meu Pai! Meu Pai!» murmura em estertor;
«Meu Pai! Meu Pai!» murmura, solitário.
— A natureza geme em turo e em dôr,
E choram as florinhas do Calvário.

«Porque me abandonaste?» diz, num ai,
E a sua voz é dolorosa e calma;
E num último alento: «Pai! meu Pai!
«Nas vossas mãos entrego a minha alma».

Rola uma lágrima dos olhos seu...
— Oh! pranto de agonia, hás-de ser luz!
— Oh, lacerada fronte do meu Deus,
Cabeça moribunda de Jesus!...

Vem encostar tua cabeça exangue
Neste meu peito, amado Redentor!
Lava-me o coração com o teu Sangue,
Abraza-o mais e mais no teu amor!

Maria Augusta S. Nogueira.

NOTA ALEGRE

A senhora para a criada, vinda há anos da aldeia:

— Maria, vocemecê é capaz de servir o jantar no jardim?

— Para a senhora, para o patrão e para os meninos?

— Sim, mulher, pois que dúvida? O jantar para todos, no jardim.

— Ah! entendo, sim, minha senhora. E até gosto muito de fazer isso, porque vou matar saudades do tempo em que eu lá na aldeia, ia ao curral dar a comida aos meus bacorinhos.

Entrara um sujeito numa elegante loja de modas para fazer algumas compras.

Chegada a ocasião do pagamento, o dono da loja precisou de sair para trocar uma nota, mas antes de o fazer disse ao ouvido dum filho de 8 anos:

— Vigia bem, cuidado que ele não roube alguma coisa.

Volta o logista e o rapaz exclama o mais alto que pode:

— Papá, este senhor não roubou nada!

Reflexões de uns e de outros

Cada quilo de farinha devia pesar 100 quilos.

Um padetro.

O ano devia ser inverno.

Um carvoeiro.

Os homens só deviam pensar em se casar.

Uma solteirona.

Quem seria o miserável que inventou o tomar contas?

Uma criada.

Como seria bom se se rompessem as solas dos pés dos que andam descalços.

Um sapateiro.

De quem são mais próprios os peixes

Da ovelha, o carneiro.

Da costureira, o agulha.

Do lavrador, o gado.

Do cachorro, a cachorra.

Das fuças, a solha e o cascudo.

Do caçador, o tôrdo e a lebre.

Do Peixoto, a peixota.

Da sogra, a lingua e o linguado.

Do cavalo, a cavala.

De quem são mais próprias as ades

Do económico, a poupa.
Do turbulento, o rôto.
Do cavalo, a pata.
Do bêbado, a perda.
Do ourives, o maçarico.
Da abelha, o cortiço.
Do desdentado, perdigoto.

Secção charadística

CHARADAS

Ao muito estimado amigo Dr. José Luis de Caldas, agradecendo-lhe «Tudo» (*)

Nem tudo que se pode é justo que se faça,
Nem tudo que se faz é justo que se omita;
Nem tudo que se diz é justo tenha graça,
Nem tudo que tem graça é justo se permita.—1

Nem tudo que se vê é justo se é desgraça,
Nem tudo que é desgraça é justo ser descrita;
Nem tudo que se ouve é justo ser chalaça,
Nem tudo que é chalaça é justo se repita.

Nem tudo que tem pés é justo anda a correr—1
Nem tudo que correr é justo ser seguido
Nem tudo que é seguido, é justo, «nota» baldas.—1

Nem tudo que tem baldas é justo combater,
Nem tudo que combate é justo seja lido,
Mas «Tudo» é justo lêr-se, escrito pelo Caldas.

Chirobel.

(*) Reproduzido por ter saído com incorrecções.

EM FRASE

E' próprio da tua cabeça a falta de intelligência.
3—1

Há muito médico que se julga superior à sua natureza.—2—3.

Lebricho.

A bacanal está de acordo com o tiberino.—3—1.

Presentemente pode matar quem tôr eloquente.
2—1.

Madre Helena.

SINOPADAS

(por sílabas)

3—Para um «homem dos suburbios»—2...

3—Uma «mulher» generosa.—2

H. Raio.

ELÉCTRICA (por letras)

Esta charada

Endiabrada,

Leitor, confesse;

Quer às direitas,

Quer às avessas,

Só escarneca.—5

Ello.

E nesta, que ora me ocorreu
Em um momento ao ler aquela,
Não sei que possa dizer eu;
Pois não me anima a parentela
Entre a qual 'stá o Zebedeu.—5

L. Heitor.

ENIGMA

O Sá, um grande patusco,
Fabricante de colheres,
Um dia foi ao rebusco
Na tapada do Meneres.

De manhã ao lusco-fusco
Viu-se o Sá entre as mulheres,
E quando mais tarde o busco,
Soube ter ido co' Peres.

Em má hora êle há partido,
O amigo fementido,
Apanhando-o muito a jeito:

Poz-lhe em cacos as canelas,
Num molho poz-lhe as costelas,
Por do pan dar-lhe o conceito

Lebricho.

DIRESSÃO GEOGRÁFICA

Já vai longe o mez de março
Sem ver a obra acabada;
Se desta me vejo livre
Não caio n'outra rascada.

Agar Ramos

ENIGMA TIPOGRÁFICO



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no número 14, são: Amália, Machimbombo, Papa-amoras, Padre Santo, Magarim, Bonito-boto, Damado-dado, Remansores, Fajardo-fado, Chaputa-chata, Porventura (Por Ventura), Serpa e Respiradores. NOTA—O Sol entz os egipcios, chama-se Ra.

Um tubarão

Um tal senhor Fabra Ribas, que é pessoa categorizada entre as figuras do novo regime do país vizinho, fez há tempos a um jornal esta afirmação: «Em Espanha vive-se melhor do que na maioria das outras nações».

Um operário sem trabalho, um dos muitos que em Espanha se encontram a braços com a mais negra miséria deu-se ao cuidado de comprovar a verdade com que se exprimiu o senhor Fabra Ribas no que pessoalmente lhe diz respeito.

E averiguou que o mesmo senhor recebe doze mil pesetas como deputado; doze mil pesetas como sub-secretário do Trabalho; vinte e duas pesetas por sessão como presidente do Patronato Político Social imobiliário; mais vinte e duas pesetas por reunião, como presidente da Junta Consultiva de Seguros; quarenta e quatro pesetas por reunião, como membro do Conselho da Direcção de Seguro de Caminhos de Ferro; vinte e cinco mil pesetas como correspondente da Oficina Internacional do Trabalho, vinte e cinco pesetas por sessão, como presidente da Junta Consultiva das Caixas Económicas; e mais vinte e cinco pesetas por sessão, como membro da Comissão permanente de Trabalho O homem tem razão.

Vive-se na Espanha melhor do que em nenhum outro país. Mas para assim viverem os que por amor... dos trabalhadores de todas as classes acumulam ordenados sobre ordenados encontra-se grande número de trabalhadores sem trabalho nem pão.

Feita esta reserva o homem tem razão e fala... por experiência própria.

Os outros é que não podem falar assim...

Dr. Rui de Serpa Pinto

Faleceu há pouco no Porto este grande homem de ciência e um dos maiores valores que a nova geração oferecia á cultura nacional.

Sabia o que valia e, *apesar disto* nunca sublinhou o seu nome com qualquer coisa que denotasse vaidade, aliás podendo-a ter.

Era modesto em extremo, razão porque o admirávamos.

Tinha ância de saber e aprendendo difundia ensinamentos,

Barcelos deve-lhe muito pelo trabalho que dispensou ao Museu do Grupo Alcaldes de Faria.

Eu alguma coisa lhe devo também, porque, atendendo-me, prestou-me valiosos esclarecimentos que me deram ânimo para poder — *com acerto* — dizer na imprensa local qualquer coisa sobre o «Castro» que se pôz a descoberto junto do Castelo de Faria.

R. de Serpa Pinto (Rui Correia de Serpa Pinto), filho de Hernani Pinheiro de Serpa Pinto, já falecido, e da sr.^a D. Aurora Basto Correia de Serpa Pinto, nasceu no Porto a 6 de Agosto de 1907 e faleceu na mesma cidade, a 23 de Março de 1933.

Casara, ainda não há um ano, com a sr.^a D. Maria Alice da Rocha Leão Leite.

Licenciado em Ciências Matemáticas na Universidade do Porto em 1927 e Engenheiro pela Faculdade de Engenharia da mesma Universidade em 1930. Assistente desde esse mesmo ano, da Faculdade de Ciências.

Publicista. Arqueologo. Geólogo. Museologista. Bibliógrafo.

Autor dos seguintes trabalhos:

Bibliografia do Professor Mendes Correia (1909-1928); Porto, 1929; *Porto* (Guia em francês, sem designação do Autor); Porto, 1930; *Bibliografia do Asturiense*; Porto, 1930.

Colaborador das publicações seguintes:

O Tripeiro, Porto, 1927 e 1930; *Arquivo Nacional de Ex-Libris*, Lisboa, 1928; *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Arqueologia e Etnologia*, Porto, 1928, 1929, 1930, 1931 e 1932; *Revista de Guimarães*, 1928, 1929 e 1930; *Portucale*, Porto, 1929 e 1930; *O Archeologo Português*, Lisboa, 1930; *Feira da Lãdra*, Lisboa, 1930; *A Águia*, Porto, 1932; *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, 1932; *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 1932.

Da maior parte dos estudos insertos nestas publicações foram tiradas separatas que merecem a estima dos cientistas e biógrafos.

O Sr. Dr. R. de Serpa Pinto tomou parte no 15.º Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Prehistórica em Coimbra e Porto, no Congresso Internacional de Arqueologia de Barcelona, no Congresso Internacional de Ciências Pre-históricas e Pre-Histórico de Londres, tendo presidido a uma das suas sessões.

Fez parte da Comissão Internacional da Carta do Império Romano que no verão último reuniu em Roma.

Dentro dos trabalhos que deixa inéditos contam-se dois artigos do maior interesse científico, destinados ao 2.º volume do *Anuário de Viana*, em organização. O finado engenheiro tinha o seu nome inscrito como sócio de diversas colectividades científicas quer nacionais, quer além das fronteiras, sendo-nos possível indicar as seguintes:

Associação dos Arqueologos Portugueses (titular), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, de cuja direcção fazia parte, sendo também o seu bibliotecário; da Sociedade Portuguesa de Meteorologia e Geo-Física, de que era director do Núcleo Português; Seminário dos Estudos Galegos, Instituto Internacional de Antropologia de Paris, Sociedade Pré Histórica de França, Sociedade dos Antiquários de Londres, Amigos do Museu Municipal do Porto, de que fôra um dos fundadores e secretário; Centro Académico de Estudos Coloniais, Sociedade Martins Sarmento.

Era um vulto de excepção, talento, actividade e um arqueólogo muito distinto e sobre tudo muito delicado.

E' dos que fazem falta.

Francisco Cardoso e Silva.

Revista de inspecção

Pelo Ministério da Guerra foi dispensada no corrente ano esta revista, vulgarmente conhecida pela *revista de cadernetas*.

Por tanto todos aqueles que tinham servido no activo do exército podem descançar, este ano, porque não têm aquela revista que os fazia ir a Braga, afim de obterem o respectivo visto.

Carta de Barcelos

Encontra-se restabelecido por completo dos encomodos que o retiveram no leito por algum tempo o nosso velho amigo Sr. José Ferreira Lemos, antigo comerciante desta cidade.

—Foram carinhosamente recebidos nessa localidade os estudantes do 3.º ano de medicina, da Universidade do Porto, que em passeio vieram aqui no passado domingo.

—Esteve em Lisboa afim de tratar de assuntos deste districto o Sr. Dr. José Gumes de Matos Graça, illustre Governador Civil.

—Já se encontra devidamente reorganizada a «Banda Barcelense» tendo a sua chefia sido entregue a um competente musico reformado do exército.

Deve-se esta excelente iniciativa ao nosso bom amigo João José d'Almeida.

—O 9 d'Ab il festejou-se grandiosamente nesta cidade para o que concorreu a Camara Municipal e Agencia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra nesta cidade.

—Consta-nos que as Festas das Cruzes este ano vão ser brilhantíssimas.

Oxalá estes festejos venham afirmar, a quem nos conhece, que Barcelos quer manter a sua tradição não olhando a sacrificios.

—O nosso querido amigo Sr. Manuel Ferreira Lemos, foi nomeado vice-tesoureiro da Associação dos Bombeiros Voluntários de Barcelos.

—Vimos nesta cidade o nosso bom amigo e conterraneo Sr. António Maria de Sousa Pinto, distincto capitão do R. I. 3 em Viana do Castelo.

—Estiveram em Vigo os nossos amigos Srs. José da Graça Faria, solicitador, José Olympio Barreiros d'Oliveira, alferes de infantaria, Hilario Barreiros d'Oliveira, ajudante de notário e Dr. José da Graça Faria Junior, notário, todos desta cidade.

—E teve no Porto, o nosso amigo Sr. António Hermínio Matos Cardoso e Silva.

—De regresso de Amarante já se encontra entre nós o Ex.^{mo} Sr. Conde de Vilas Boas, distinctissimo 1.º tenente da Armada.—C.

Carvalho, 11-4-1933

En goso de ferias encontra-se entre nós, desde o dia 8, o seminariista do Seminário de N. S. da Conceição de Braga, Eduardo de Oliveira Barros.

—No dia 13, Quinta-feira Santa, haverá na nossa Igreja parochial o piedoso exercicio da Hora Santa, que terá lugar das 11 ás 12 horas da noite, devido ao zelo e iniciativa do nosso pároco.

No mesmo dia haverá missa e comunhão para todas as pessoas que queiram ganhar o Jubileu.

—No próximo Domingo, dia de Páscoa ou comemoração da Resurreição do Salvador, terá lugar a costumada visita Pascal nesta freguesia.

—Com demora de alguns dias partiu para Lisboa no dia 10, o nosso presado amigo e prestante colaborador do nosso pequeno Semanário, Ex.^{mo} Sr. Tenente Francisco Cardoso e Silva. Que tenha boa viagem e traga boas impressões da capital, são os nosso ardentes votos.

“Ecos da Franqueira,”

Encontram-se na C.^a Editora do Minho, Barcelos, os recibos, dos assinantes deste Semanário a quem pedimos encarecidamente o obséquio de os procurar, afim de nos evitar as despesas do correio.

Pagaram as suas assinaturas os seguintes Senhores.

Major José Mancelos Sampaio e Francisco da Costa Carvalho de Barcelinho; António de Villas Boas, Antonio Joaquim Gonçalves, José Joaquim Gonçalves, Joaquim Cerqueira Lopes, Augusto Gomes da Conceição, Manuel Joaquim Gonçalves, João António de Carvalho, João Carlos de Figueiredo, António Fernando de Figueiredo, Manuel Ferreira, Domingos Coelho Gonçalves, António José da Costa, Manuel da Silva (Aniré) e João Gomes Ferreira.

A estes nossos presados amigos agradecemos muito reconhecidos.